

As Doze Cores do Vermelho:
uma contestação às normas sociais e literárias

Glauce Souza Santos¹

CUNHA, Helena Parente. *As Doze Cores do Vermelho*.
Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 2^a edição, 1998.

Resumo

Com uma estrutura bastante incomum, *As doze cores do vermelho* é dividida em três colunas que divide os tempos. A primeira retoma um passado; a segunda trava um diálogo com o leitor no tempo presente; e a terceira que prevê o futuro. Esta obra é narrada em três vozes e em três tempos, relata histórias do cotidiano onde são contestados de forma bastante intensa o preconceito, o machismo e as normas opressoras. As cores mencionadas marcam a personalidade de cada personagem e suas posturas frente a estas normas.

Palavras-chave: *Literatura feminina, contestação, identidade.*

¹ Discente do curso de Letras Vernáculas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Campus de Jequié.

O romance “As doze cores do vermelho” da escritora baiana, Helena Parente Cunha, é uma obra de contestação das normas sociais e literárias. Esta prosa-poética é um excelente exemplo daquilo que pode ser considerado literatura feminina, não uma escrita comparada à masculina, mas a busca da diferenciação.

Afastando-se da identidade pré-fabricada no espelho do homem é que melhor a mulher se vê. Para além do mero mimetismo masculino, a mulher busca a diferença como identidade. Por isso, não se deve definir o feminino, a partir do modelo masculino. (FREITAS, 2002:120)

Esta diferenciação se faz presente na obra, tanto na sua estrutura textual, quanto na sua temática. A estrutura da narrativa é dividida em 48 capítulos chamados de módulos em que cada um possui três partes chamadas ângulos. A obra apresenta uma nova proposta de leitura, visto que permite o/a leitor/a seguir ou não a ordem dos textos. O romance é narrado em três vozes (eu, você e ela) e em três tempos (passado, presente e futuro).

A estrutura das frases no romance muitas vezes chega a não apresentar uma combinação proposta pela sintaxe; a ausência das vírgulas também é um exemplo disto. Estas características que violam as normas literárias enfatizam ainda mais a proposta da obra, contestar os modelos sociais.

Parece-me, então, que a subversão estética associa-se à subversão ideológica, muito próxima do que desejava o movimento de mulheres, na década de oitenta, em seu intuito de angustiar o mundo com o que, por muito tempo, foi assunto e angústia apenas das mulheres. (BARBOSA, 2006)

Dentre muitas figuras de linguagem, nota-se com bastante frequência no texto a assonância, “Bifurcação fragmentação” (CUNHA, 1998, p, 81) e a paronomásia “Casada. Cansada. Cansaço cósmico.” (CUNHA, 1998, p, 47). Figuras de som que a meu ver, contribuem, além de outros recursos, para o teor poético da obra.

As personagens na narrativa não possuem nome, porém são relacionadas às cores que servirão de caracterizadoras de personalidades e de posições que cada uma ocupa na sociedade. A protagonista possui em suas mãos as cores que na narrativa serão atribuídas a cada personagem ou coisa. E este possuir, permite que ela dê as cores, conseqüentemente atribuindo sentido e valores na sua própria história. Assim, o vermelho é sinônimo de possibilidade e prazer. “*Eu tinha quatro caixas de lápis de cor. Quatro vezes doze lápis. Eu desenhava. Fora da linha um traço aquele. Eu coloria o céu de vermelhos.*” (CUNHA, 1998, p, 16). A amiga loura representa a mulher obediente que é valorizada na sociedade

por possuir os “bons costumes europeus”. “A menina loura não gostava de ouvir falar em menstruação e dizia que era coisa feia” (CUNHA, 1998, p, 18). A amiga do cabelo cor de fogo representa o perigo, a ameaça da “boa conduta”. Ela não tinha pai, era filha de prostituta. “As mães fizeram um abaixo assinado e a menina foi dispensada da escola.” (CUNHA, 1998, p, 20). As experiências da menina negra, na obra, mostra que existe uma sociedade racista, opressora e excludente. “No pátio antes de entrarmos para a sala de aula minha colega negra ocupava o último lugar na fila.” (CUNHA, 1998, p, 26). A menina dos olhos verdes representa a esperança. É ela que desperta o questionamento no grupo de amigas e o desafio da descoberta. “Minha amiga dos olhos verdes dizia que era bom. Não tinha nada de coisa feia e nós podíamos fazer.” (CUNHA, 1998, p, 54). O marido com sua pasta preta, terno cinza e gravata azul-marinho representa o caráter organizado e tradicional que possui. “Na cadeira a roupa preparada para o dia seguinte. Terno cinza gravata azul-marinho.” (CUNHA, 1998, p, 39)

Vale ressaltar que a obra é publicada na década de 90, período cercado das inquietações das minorias na década de 70/80, sobretudo, a consolidação do movimento feminista na década de 60 e 70.

É filtrado pela *ótica crítica* que as escritoras (poetas, ficcionistas, dramaturgas, cronistas) vêm adotando, que o “feminismo” ou a “condição feminina” deixam de ser apenas um *tema* literário, para se tornarem uma *problemática*: o impulso de transgressão dos limites impostos à mulher, em todos os níveis do seu viver. (COELHO: 1999, p, 12)

Em *As doze cores do vermelho*, esta problemática se faz presente. A situação da mulher é questionada, sobretudo, seus limites e obrigações impostas. “É preciso casar virgem?” (CUNHA, 1998: p, 15). É através da voz da personagem principal, uma mulher, que surgem as contestações das normas e sugestões de rompimento das mesmas. Apesar de ouvir sua própria voz, a mulher escuta uma outra: a da sociedade, que a impede de tomar decisões. São dois lados e a mulher da narrativa muitas vezes está no meio “O meio cheio de receios.” (CUNHA, 1998: p, 21).

Em síntese, esta obra, considerada contestatória, coloca em questão, temas como aborto, adultério, prostituição, sexo e virgindade. Além de ser também um questionamento do conceito de identidade, pois, retrata a vivência de muitas mulheres, que desde a infância foram adaptadas a atender às solicitações repressoras impostas por uma sociedade patriarcal, que muitas vezes desejam e necessitam romper com certas normas e condutas.

Referências Bibliográficas

ABREU, Marcilio Ehms de. *Vozes femininas na pós-modernidade: mulher(es) em tons de vermelho*. Leitura de *As doze cores do vermelho*. Desafiando o Cânone. Aspectos da literatura de autoria feminina na prosa e na poesia (anos 70/80) / Organizado por Helena Parente Cunha, 1999.

BARBOSA, Adriana Maria de Abreu. Artigo: *Uma estética do feminino para feminizar o mundo*. In: VII Seminário Internacional de Literaturas luso-afro-brasileiras, 2006, Ilhéus. no prelo, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. *O desafio ao Cânone: consciência histórica versus discurso em crise*/ Desafiando o Cânone. Aspectos da literatura de autoria feminina na prosa e na poesia (anos 70/80) / Organizado por Helena Parente Cunha, 1999.

CUNHA, Helena Parente. *As doze cores do vermelho* – Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 2ª edição, 1998.

FREITAS, Zilda de Oliveira. *A literatura de autoria feminina*, p. 120. Imagens da mulher na cultura contemporânea/organizado por Sílvia Lúcia Ferreira e Enilda Rosendo do Nascimento. – Salvador: NEIM/UFBA, 2002.